

JORNADA PARA O JUBILEU DAS FAMÍLIAS



O QUE É UM ANO JUBILAR

“Jubileu” é o nome de um ano particular: parece derivar do instrumento que se usava para indicar o seu início; trata-se do yobel, o chifre do carneiro, cujo som anuncia o Dia da Expição (Yom Kippur). Esta festa recorre a cada ano, mas assume um significado especial quando coincide com o início do ano jubilar. Encontramos uma primeira ideia disto na Bíblia: o ano jubilar tinha que ser convocado a cada 50 anos, já que era o ano “extra”, a mais, que se vivia a cada sete semanas de anos (cf. Lv 25,8-13). Ainda que fosse difícil de realizar, foi proposto como ocasião para restabelecer uma correta relação com Deus, entre as pessoas e com a criação, e implicava a remissão de dívidas, a restituição de terrenos arrendados e o repouso da terra.

Citando o profeta Isaías, o evangelho segundo Lucas descreve desta forma também a missão de Jesus: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres. Enviou-me a proclamar a redenção aos cativos e a vista aos cegos, a restituir a liberdade aos oprimidos, a proclamar o ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-19; cf. Is 61,1-2). Estas palavras de Jesus tornaram-se também ações de libertação e de conversão no quotidiano dos seus encontros e das suas relações.

Bonifácio VIII, em 1300, proclamou o primeiro Jubileu, também chamado de “Ano Santo”, porque é um tempo no qual se experimenta que a santidade de Deus nos transforma. A sua frequência mudou ao longo do tempo: no início era a cada 100 anos; passou para 50 anos em 1343 com Clemente VI e para 25 em 1470 com Paulo II.

Também há jubileus “extraordinários”: por exemplo, em 1933 Pio XI quis recordar o aniversário da Redenção e em 2015 o Papa Francisco proclamou o Ano da Misericórdia. A forma de celebrar estes anos também foi diferente: na sua origem, fazia-se a visita às Basílicas romanas de São Pedro e São Paulo — portanto, uma peregrinação —; mais tarde, foram-se acrescentando outros sinais, como a Porta Santa. Ao participar no Ano Santo, vive-se a indulgência plenária.

LOGOTIPO DO JUBILEU

O logotipo representa quatro figuras estilizadas para indicar a humanidade dos quatro cantos da Terra. As figuras estão abraçadas uma à outra, para indicar a solidariedade e a fraternidade que unem os povos. O que está à frente está agarrado à cruz. É o sinal não só da fé que abraça, mas da esperança que nunca pode ser abandonada, porque precisamos dela sempre e, sobretudo, nos momentos de maior necessidade.



Observemos as ondas que estão embaixo e que se movem, para indicar que a peregrinação da vida nem sempre se move em águas tranquilas. Muitas vezes, eventos pessoais e eventos mundiais impõem com maior intensidade o chamamento à esperança. É por isso que devemos prestar atenção à parte inferior da cruz, que se prolonga, transformando-se numa âncora, que se impõe ao tumulto das ondas. Como se sabe, a âncora tem sido muitas vezes usada como metáfora da esperança.

“Âncora da esperança”, na verdade, é o nome, na gíria marítima, dado à âncora de reserva — utilizada pelas embarcações em manobras de emergência para estabilizar o barco durante as tempestades. Não ignoremos o fato de que a imagem mostra como o caminho do peregrino não é um acontecimento individual, mas comunitário, com a marca de um dinamismo crescente que tende cada vez mais para a Cruz.

A Cruz não é de modo algum estática, mas dinâmica; curva-se para a humanidade como que para ir ao seu encontro e não a deixar sozinha, mas oferecendo a certeza da presença e a segurança da esperança. Finalmente, vê-se claramente o lema do Jubileu de 2025 com a cor verde: “Peregrinantes em Spem” — Peregrinos da Esperança.

O JUBILEU DE 2025

O Grande Jubileu do ano 2000 introduziu a Igreja no terceiro milênio da sua história. Tanto o aguardou e desejou São João Paulo II, com a esperança de que todos os cristãos, superadas as divisões históricas, pudessem celebrar juntos os dois mil anos do nascimento de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade.

Agora aproxima-se a meta dos primeiros vinte e cinco anos do século XXI, e somos chamados a realizar uma preparação que permita ao povo cristão viver o Ano Santo em todo o seu significado pastoral. Neste sentido, constituiu uma etapa significativa o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que nos permitiu redescobrir toda a força e ternura do amor misericordioso do Pai a fim de, por nossa vez, sermos testemunhas deste.

Mas, nos últimos dois anos, não houve nação que não tenha sido transtornada pela inesperada epidemia que, além de nos ter feito tocar de perto o drama da morte na solidão, a incerteza e o caráter provisório da existência, modificou o nosso modo de viver. Como cristãos, sofremos juntamente com todos os irmãos e irmãs os mesmos sofrimentos e limitações. As nossas igrejas estiveram fechadas, bem como as escolas, as fábricas, os escritórios, as lojas e os locais dedicados ao tempo livre. Todos vimos algumas liberdades limitadas e a pandemia, além do sofrimento, por vezes suscitou no nosso íntimo a dúvida, o medo, a perplexidade. Os homens e mulheres de ciência encontraram, com grande celeridade, um primeiro remédio que permite regressar pouco a pouco à vida quotidiana. Temos plena confiança

de que os reflexos da pandemia possam ser superados e o mundo volte a ter os seus ritmos de relações pessoais e de vida social. Isto será conseguido mais facilmente se agirmos com solidariedade efetiva, de modo que não sejam negligenciadas as populações mais carentes, mas se possa partilhar com todos quer as descobertas da ciência, quer os medicamentos necessários.

Devemos manter acesa a chama da esperança que nos foi dada e fazer todo o possível para que cada um recupere a força e a certeza de olhar para o futuro com espírito aberto, coração confiante e mente clarividente.

O próximo Jubileu poderá favorecer imensamente a recomposição de um clima de esperança e confiança, como sinal de um renovado renascimento do qual todos sentimos a urgência. Por isso, o Papa Francisco escolhe o lema Peregrinos de Esperança. Entretanto, tudo isto será possível se formos capazes de recuperar o sentido de fraternidade universal, se não fecharmos os olhos diante do drama da pobreza crescente que impede milhões de homens, mulheres, jovens e crianças de viverem de maneira digna de seres humanos.

Penso de modo especial nos inúmeros refugiados forçados a abandonar as suas terras. Que as vozes dos pobres sejam escutadas neste tempo de preparação para o Jubileu que, segundo o mandamento bíblico, restitui a cada um o acesso aos frutos da terra: “O que a terra produzir durante o seu descanso, servir-vos-á de alimento, a ti, ao teu escravo, à tua serva, ao teu jornaleiro e ao inquilino que vive contigo. Também o teu gado, assim como os animais selvagens da tua terra, poderão alimentar-se com todos esses frutos” (Lv 25, 6-7).

Por conseguinte, que a dimensão espiritual do Jubileu, que convida à conversão, se combine com estes aspectos fundamentais da vida social, de modo a constituir uma unidade coerente.

Sentindo- nos todos peregrinos na terra onde o Senhor nos colocou para a cultivar e guardar (cf. Gn 2, 15), não nos desleixemos, ao longo do caminho, de contemplar a beleza da criação e cuidar da nossa casa comum. Almejo que o próximo Ano Jubilar seja celebrado e vivido também com esta intenção. Com efeito, um número cada vez maior de pessoas, incluindo muitos jovens e adolescentes, reconhece que o cuidado da criação é expressão essencial da fé em Deus e da obediência à sua vontade.

O QUE SIGNIFICA ISSO PARA NÓS, FAMÍLIAS...

O Papa Francisco pede que cada lar cristão “seja um lugar privilegiado onde se experimenta a alegria do perdão” e assegurou que o mais belo para um pai e uma mãe é a oportunidade de abençoar todos os dias os seus filhos, para encomendá-los ao cuidado do Senhor “ao começo da jornada e quando ela conclui”.

“Como nos faz bem pensar que Maria e José ensinaram Jesus a rezar as orações! E esta é uma peregrinação, a peregrinação da educação à oração. E como nos faz bem saber que, durante o dia, rezavam juntos; depois, ao sábado, iam juntos à sinagoga ouvir as Sagradas Escrituras da Lei e dos Profetas e louvar o Senhor com todo o povo! E que certamente rezaram, durante a peregrinação para Jerusalém, cantando estas palavras do Salmo: ‘Que alegria, quando me disseram: ‘Vamos para a casa do Senhor!’ Os nossos passos detêm-se às tuas portas, ó Jerusalém”.

Nesse sentido, o Papa animou as famílias a “caminhar juntos e ter a mesma meta em vista! Sabemos que temos um percurso comum a realizar; uma estrada, onde encontramos dificuldades, mas também momentos de alegria e consolação. Nesta peregrinação da vida, partilhamos também os momentos de oração”.

Com preocupação, o Papa Francisco observa a “queda na taxa de natalidade” que está sendo registrada em vários países e por vários motivos: “dos ritmos frenéticos de vida”, “dos receios face ao futuro”, “da falta de garantias de emprego e de adequada proteção social” e “de modelos sociais ditados mais pela procura do lucro do que pelo cuidado das relações humanas”. Para o Pontífice, há uma “necessidade urgente” de “apoio convicto” dos fiéis e da sociedade civil ao “desejo” dos jovens de gerar novas crianças, para que o futuro possa ser “marcado pelo sorriso de tantos meninos e meninas que, em muitas partes do mundo, venham encher os demasiados berços vazios”.

A imagem da âncora, presente no ícone do Jubileu 2025, é sugestiva para que as famílias possam também compreender a estabilidade e a segurança que possuímos no meio das águas agitadas da vida, se nos confiarmos ao Senhor Jesus. As tempestades nunca poderão prevalecer, porque estamos ancorados na esperança da graça, capaz de nos fazer viver em Cristo, superando o pecado, o medo e a morte. Esta esperança, muito maior do que as satisfações quotidianas e as melhorias nas condições de vida, transporta-nos para além

das provações e exorta-nos a caminhar sem perder de vista a grandeza da meta a que somos chamados: o Céu.

ORAÇÃO DO JUBILEU

Pai que estás nos céus, a fé que nos deste no teu filho Jesus Cristo, nosso irmão, e a chama de caridade derramada nos nossos corações pelo Espírito Santo despertem em nós a bem-aventurada esperança para a vinda do teu Reino.

A tua graça nos transforme em cultivadores diligentes das sementes do Evangelho que fermentem a humanidade e o cosmos, na espera confiante dos novos céus e da nova terra, quando, vencidas as potências do Mal, se manifestar para sempre a tua glória.

A graça do Jubileu reavive em nós, Peregrinos de Esperança, o desejo dos bens celestes e derrame sobre o mundo inteiro a alegria e a paz do nosso Redentor.

A ti, Deus bendito na eternidade, louvor e glória pelos séculos dos séculos.

Amém

ORAÇÃO À SAGRADA FAMÍLIA

Jesus, Maria e José, em Vós contemplamos o esplendor do verdadeiro amor, confiantes, a Vós nos consagramos.

Sagrada Família de Nazaré, tornai também as nossas famílias lugares de comunhão e cenáculos de oração, autênticas escolas do Evangelho e pequenas igrejas domésticas.

Sagrada Família de Nazaré, que nunca mais haja nas famílias episódios de violência, de fechamento e divisão; e quem tiver sido ferido ou escandalizado seja rapidamente consolado e curado Sagrada Família de Nazaré, fazei que todos nos tornemos conscientes do carácter sagrado e inviolável da família, da sua beleza no projeto de Deus.

Jesus, Maria e José, ouvi-nos e acolhei a nossa súplica.

Amém.

Franciscus

(Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, 325)

Sugestão de roteiro para realizar o momento da Jornada Jubilar das Famílias



Para que possamos bem celebrar este ano especial de Jubileu, a Pastoral Familiar sugere que seja promovida uma JORNADA JUBILAR, que consiste em um dia de encontro, conforme seguem-se as indicações para dinamizar o desenvolvimento desta atividade, que tem o propósito de ser participativa e celebrativa. Portanto, é importante evitar palestras e formações neste momento. Precisa de uma equipe para preparar e conduzir cada momento que envolva a todos na espiritualidade e no júbilo que se propõe nesta jornada.

Quem convidar?

Quando realizado em âmbito diocesano: coordenador de CPP das paróquias, com sua família; coordenadores diocesanos de pastorais, movimentos e serviços, com suas famílias; outras famílias convidadas.

Quando realizado em âmbito paroquial: famílias de toda a comunidade.

INÍCIO DA PEREGRINAÇÃO – MANHÃ

Passo a passo, o povo de crentes, na peregrinação de cada dia, apoia-se com confiança na fonte da Vida. O canto que surge espontaneamente durante o caminho (cf. Agostinho, Discursos, 256) dirige-se a Deus. É um canto carregado de esperança de se ser libertado e amparado. É um canto acompanhado pelo desejo de que este chegue aos ouvidos d'Aquele que o faz brotar. É Deus que, como uma chama sempre viva, mantém acesa a esperança e dá energia ao passo do povo que caminha. Durante o caminho, muitas vezes surge nos lábios o canto, quase como se fosse um companheiro de confiança para exprimir as motivações do viajante. Isto vale também para a vida de fé que é peregrinação à luz do Senhor Ressuscitado. Cantemos juntos o hino do Jubileu da Esperança:

Hino Oficial do Jubileu 2025

“Peregrinos De Esperança”

**Chama viva da minha esperança,
este canto suba para Ti!**

**Seio eterno de infinita vida,
no caminho eu confio em Ti!**



Toda a língua, povo e nação
tua luz encontra na Palavra.
Os teus filhos, frágeis e dispersos
se reúnem no teu Filho amado. **Refrão.**

Deus nos olha, terno e paciente:
nasce a aurora de um futuro novo.
Novos Céus, Terra feita nova:
passa os muros, ‘Spirito de vida. **Refrão.**

Ergue os olhos, move-te com o vento,
não te atrases: chega Deus, no tempo.
Jesus Cristo por ti se fez Homem:
aos milhares seguem o Caminho. **Refrão**

Leitura do texto bíblico (Lc 24,13-35)

O caminho de Emaús

A história de uma caminhada de fé! Como muitos na atualidade que caminhavam envoltos em trevas e sem esperança e, de repente, algo novo acontece e muda suas vidas.

Emaús pode ser o lugar onde, ontem e hoje, caminham pessoas falando de suas angústias e decepções. Emaús é o caminho da tristeza, da crise de fé, da desesperança. Emaús é uma fuga dos problemas e das dificuldades. Emaús é o lugar da impaciência, mas estes peregrinos estão em busca de Jesus.

Aproveitam para partilhar a dor, a saudade, a frustração. Corriam notícias sobre o túmulo vazio e a aparição de anjos. Mesmo assim continuam inconsoláveis e reclamam: Ninguém viu Jesus!

“Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando! É como se dissem: A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! A solidão machuca. Ficar novamente só fará reaparecer a tristeza e a dor.

Canto: Fica conosco, Senhor. É tarde e a noite já vem. Fica conosco, Senhor. Somos Teus seguidores também.

“Fica conosco!” é o pedido insistente, dirigido a quem ainda não reconhecem. No fundo do coração, porém, já experimentam a alegria que tantas vezes sentiam quando o Mestre lhes falava.

Canto: Fica conosco, Senhor. É tarde e a noite já vem. Fica conosco, Senhor. Somos Teus seguidores também.

“Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” “Tu tens palavras de vida eterna!” O companheiro do caminho para Emaús não abandonou os discípulos! “Entrou para ficar com eles. Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles” (Lc 24, 29-30). E na fração do pão acontece o milagre da Páscoa: os dois reconhecem o Mestre. Vêm as mãos perfuradas e aquele inigualável semblante do Filho de Deus. Mas, ao mesmo tempo, Ele “tornou-se invisível” (Lc 24,31).

Canto: Fica conosco, Senhor. É tarde e a noite já vem. Fica conosco, Senhor. Somos Teus seguidores também.

Nos momentos difíceis, gritemos como os dois Apóstolos: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” Ele entra para ficar com eles. À mesa, Jesus toma o pão, abençoa e lhes dá. “Seus olhos se abriram, e eles o reconheceram”. Jesus desaparece da vista deles, mas fica no seu coração. “Não estava ardendo o nosso coração, quando ele nos explicava as Escrituras?” A experiência é tão extraordinária, que os discípulos precisam levar a notícia, naquela mesma noite, a Jerusalém.

Canto: Fica conosco, Senhor. É tarde e a noite já vem. Fica conosco, Senhor. Somos Teus seguidores também.

Papa Francisco nos diz que Emaús é “uma terapia da esperança”. É um caminho de iniciação à vida cristã. Nos ensina que precisamos partir da nossa realidade e deixar Jesus nos iluminar, cuidando de nossas feridas e cegueiras, e animando nosso caminhar.

Apesar de ter sido um acontecimento único, o caminho de Emaús é um convite a todos nós. Também nós estamos muitas vezes tristes na estrada, com o coração fechado, tomados por amarguras, medos, decepções, perdas e frustrações. Falamos de Jesus, mas muitas vezes não o sentimos por perto. Esperamos. No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã. Porém, esta imprevisibilidade do futuro faz surgir sentimentos por vezes contrapostos: da confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Muitas vezes, encontramos pessoas desanimadas que olham com ceticismo e pessimismo para o futuro, como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade.

Entregar um pedaço de papel e caneta para que cada participante escreva uma dificuldade/desafio da vida que encontramos em nosso caminhar.

Pedir que coloquem esses papéis com as escritas em algum lugar no chão do local onde estiverem reunidos, depois todos se movimentam pelo espaço lendo as palavras escritas.

Para onde olhamos para ler o que escrevemos? Para o chão, para baixo, mas o senhor nos ensina que é para o alto que devemos volver nosso olhar. É do alto que nos vêm a esperança e fortaleza de que precisamos para enfrentar as dificuldades e desafios que nos forçam a ficar olhando para baixo, desesperançados. Para buscar a esperança perdida, muitas vezes precisamos de um deserto, de nos retirarmos para sentir a presença de Deus em nossas vidas. Vamos neste momento buscar um lugar para um deserto — pode ser aqui dentro do espaço em que estamos, pode ser caminhando, pode ser em algum lugar fora desta sala — e vamos meditar silenciosamente o salmo 121(120).

Enquanto as pessoas fazem a meditação, tirar os papéis do chão e colocar uma cruz de forma que precisem elevar os olhos para enxergá-la.

Deixamos de olhar cabisbaixos para alargar horizontes — horizontes que apontam para a esperança. Aprendemos com Emaús que houve um caminho: dois caminhantes em princípio, que encontram uma transformadora companhia que fez com que tudo fosse diferente no retorno. Que este ano do Jubileu da Esperança possa ser, para todos, um momento de encontro vivo e pessoal com o Senhor Jesus, “porta” de salvação (cf. Jo 10, 7-9); com Ele, que a Igreja tem por missão anunciar sempre, em toda a parte e a todos, sendo a “nossa esperança” (1 Tm 1,1).

Em Emaús, um caminhante se aproxima e em sua companhia no peregrinar há diálogo, escutas e partilhas. Surpresas no caminho acontecem; precisamos nos deixar conduzir pelo caminhante que está ao nosso lado.

A força que brota da cruz e da ressurreição de Cristo faz crescer uma virtude, que é parente próxima da esperança: a paciência. Habitamo-nos a querer tudo e agora, num mundo onde a pressa se tornou uma constante. Já não há tempo para nos encontrarmos e, com frequência, as próprias famílias sentem dificuldade para se reunir e falar calmamente. A paciência foi posta em fuga pela pressa, causando grave dano às pessoas; com efeito, sobrevêm a intolerância, o nervosismo e, por vezes, a violência gratuita, gerando insatisfação e isolamento. Lembremos das situações do nosso cotidiano onde precisamos de mais paciência e peçamos esta graça dizendo para cada situação:

Fortalecei a nossa paciência, Senhor!

Motivar preces espontâneas. Exemplos: na educação dos filhos, no trabalho, com nossos pais e idosos, etc.

“E a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5).

A esperança nasce do amor e funda-se no amor que brota do coração de Jesus trespassado na cruz. É o Espírito Santo, com a sua presença perene no caminho da Igreja, que nos irradia a luz da esperança: mantém-na acesa como uma tocha que nunca se apaga, para dar apoio e vigor à nossa vida.

Apagar as luzes do espaço e entregar uma vela para cada pessoa presente. Enquanto cantam, vão acendendo as velas. Repetir o refrão até que todas as velas estejam acesas.

Canto: Ó luz do Senhor, que vem sobre a terra, inunda meu ser,
permanece em nós.

A luz do Senhor ilumina nosso rosto, nossa vida, nosso caminhar.
(Apagar a vela de algumas pessoas) Mas no caminho, muitas vezes, sentimos
que não temos essa chama de amor conosco e precisamos uns dos outros, da
comunidade, para restabelecer nossa ligação com Deus. *(pedir aos que têm
suas velas acesas que acendam as que foram apagadas)*

Ao distanciarem-se da comunidade, os discípulos caminharam para
Emaús à luz do dia, mas havia escuridão por dentro. Depois que o Mestre
se revelou, atravessam a escuridão da noite, sem medo de tropeçar, porque
o coração pulsa de uma alegria cheia de luz. Há um novo olhar, uma nova
motivação, uma nova e luz no horizonte. Cantemos confiantes no Senhor da
nossa vida e da nossa esperança:

Canto:

Pelos prados e campinas, verdejantes, eu vou
É o Senhor que me leva a descansar
Junto às fontes de águas puras, repousantes, eu vou
Minhas forças o Senhor vai animar

Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará!
Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará!

Nos caminhos mais seguros, junto d'Ele, eu vou
E pra sempre o Seu nome eu honrarei
Se eu encontro mil abismos, nos caminhos, eu vou
Segurança sempre tenho em Suas mãos

Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará!
Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará!

Ao banquete em sua casa, muito alegre, eu vou
Um lugar em Sua mesa me preparou
Ele unge minha fronte e me faz ser feliz
E transborda a minha taça em Seu amor

Tu és, Senhor, o meu pastor

Por isso nada em minha vida faltará!
Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará!

Bem à frente do inimigo, confiante, eu vou
Tenho sempre o Senhor junto de mim
Seu cajado me protege e eu jamais temerei
Sempre junto do Senhor eu estarei

Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará!
Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará!

Na chegada, a casa acolhedora onde se parte o pão. E, no retorno, o encontro com a comunidade.

Evangelizar, ser missionário, é ser semente de esperança. Sejam quais forem nossas fraquezas, misérias, limitações, o que contagia todas as culturas, o que convence todos os povos e raças, é o testemunho da alegria e da graça de termos encontrado o Senhor Ressuscitado. Tudo isso é graças à força do pão partido de Emaús, é o corpo entregue e o sangue derramado de Jesus, morto e ressuscitado.

Com efeito, a esperança cristã não engana nem desilude, porque está fundada na certeza de que nada e ninguém poderá jamais separar-nos do amor divino: “Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada?” (Rm 8,35)

Canto:

Quem nos separará? Quem vai nos separar?
Do amor de Cristo, quem nos separará?
Se Ele é por nós, quem será, quem será contra nós?
Quem vai nos separar do amor de Cristo?
Quem será?

Nem a espada ou perigo
Nem os erros do meu irmão
Nenhuma das criaturas
Nem a condenação

Quem nos separará? Quem vai nos separar?
Do amor de Cristo, quem nos separará?

Se Ele é por nós, quem será, quem será contra nós?
Quem vai nos separar do amor de Cristo?
Quem será?

Nem a vida, nem a morte
A tristeza ou a aflição
Nem o passado, nem o presente
O futuro, nem opressão

Quem nos separará? Quem vai nos separar?
Do amor de Cristo, quem nos separará?
Se Ele é por nós, quem será, quem será contra nós?
Quem vai nos separar do amor de Cristo?
Quem será?

Nem as alturas, nem os abismos
Nem tão pouco a perseguição
Nem a angústia, a dor, a fome
Nem a tribulação

Quem nos separará? Quem vai nos separar?
Do amor de Cristo, quem nos separará?
Se Ele é por nós, quem será, quem será contra nós?
Quem vai nos separar do amor de Cristo?
Quem será?

Precisamos estar convencidos de que nada nos separará do amor de Deus. Por isso mesmo, esta esperança não cede nas dificuldades: funda-se na fé e é alimentada pela caridade, permitindo assim avançar na vida.

A vida é feita de alegrias e sofrimentos; o amor é posto à prova quando aumentam as dificuldades e a esperança parece desmoronar-se diante do sofrimento.

Pôr-se a caminho é típico de quem anda à procura do sentido da vida.

Jesus morto e ressuscitado é o coração da nossa fé.

A esperança cristã consiste precisamente nisto: face à morte onde tudo parece acabar, por meio de Cristo e da sua graça que nos foi comunicada no Batismo, temos a certeza de que sepultados juntamente com Cristo no Batismo, recebemos n'Ele, ressuscitado, o dom duma vida nova, que derruba o muro da morte, fazendo dela uma passagem para a eternidade.

O testemunho mais convincente desta esperança é-nos oferecido pelos mártires que, firmes na fé em Cristo ressuscitado, foram capazes de renunciar à própria vida da terra para não trair o seu Senhor. Temo-los em todas as épocas e são numerosos — e, talvez, mais do que nunca nos nossos dias — como confessores da vida que não tem fim. Precisamos conservar o seu testemunho para tornar fecunda a nossa esperança. Invoquemos a proteção de todos os santos.

Ladainha de todos os santos

A esperança encontra, na *Mãe de Deus*, a sua testemunha mais elevada.

Como todas as mães, cada vez que olhava para o Filho pensava no seu futuro, e certamente no coração trazia gravadas aquelas palavras que Simeão lhe dirigira no templo: “Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma” (Lc 2, 34-35). E aos pés da cruz, enquanto via Jesus inocente sofrer e morrer, embora atravessada por terrível angústia, repetia o seu “sim”, sem perder a esperança e a confiança no Senhor. Desta forma, cooperava em nosso favor no cumprimento do que dissera seu Filho ao anunciar que Ele teria de “sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da Lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias” (Mc 8, 31), e, no parto daquela dor oferecida por amor, tornava-se nossa Mãe, Mãe da esperança.

Busquemos em nossa Mãe da Esperança a fortaleza para enfrentar os desafios da convivência, das perdas, das dificuldades dentro das nossas famílias.

Rezar uma dezena do terço.

No momento em que Jesus parte o pão, os discípulos de Emaús se tornam missionários, mensageiros da Boa Nova. Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém... e contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão. A missão nasce sempre de um encontro com Jesus vivo, com o Cristo pascal.

Perceberam o Ressuscitado caminhando com eles, que era também o Crucificado. Emaús é Páscoa, é passagem da tristeza e da frustração ao feliz encontro com o Senhor.

Os Evangelhos não terminam na Sexta-feira Santa, com o Cristo morto e sepultado. O grande e retumbante final da sinfonia é a esplêndida aurora da

Páscoa, aquele deslumbrante primeiro dia da semana: o Cristo ressuscitado, vivo, vencedor da morte, o triunfo do bem sobre o mal, a vitória da graça sobre o pecado, a alegria do amor e da paz contra as tramas diabólicas do ódio e da guerra. “Realmente o Senhor ressuscitou! Proclamam os “Onze, reunidos com os outros” em Jerusalém.

Celebramos a real presença deste Deus conosco na Eucaristia — memória do mistério pascal, mistério da cruz e ressurreição, mistério da redenção e reconciliação, que inicia a Nova Aliança. Em cada Eucaristia, olhamos para Deus, celebramos o Deus conosco, sua encarnação, paixão, morte e ressurreição. Da ação de graças, da doação gratuita do Cordeiro de Deus, emerge a energia missionária da Eucaristia. A Eucaristia é a ponte para o ministério apostólico. Eucaristia é Nova Aliança que pressupõe reconciliação, unidade na diversidade, solidariedade até as últimas consequências.

Ao partir o pão, eles o reconhecem e retornam ao caminho. Nossa esperança é o encontro pascal com o Senhor Jesus. É a certeza de que ele está vivo. Nossa esperança é uma fé pascal e pessoal. Não se trata apenas de crer em alguma coisa.

Professemos juntos:

Eu creio em Ti, Senhor! Aumenta minha fé e minha esperança para evangelizar.

Ficou o pão partido e uma taça de vinho partilhada. Ficaram as palavras que fizeram arder os corações. Ficou a inebriante alegria em que Ele transformou o desespero dos discípulos. Agora não é mais necessário ver Jesus com os olhos do corpo. Com a experiência que tiveram em Emaús, os discípulos encarregar-se-ão de anunciá-lo e testemunhá-lo pelo mundo afora. Que possamos, também nós, seguirmos como mensageiros da esperança pelo mundo.

Canto

É Tempo de Ser Esperança (Padre Zezinho)

Sou apenas mais um cidadão que acredita no amor;
E quem crê por favor não disfarce a esperança que tem;
Quem não crê tem a minha amizade e respeito também.
Eu, porém, acredito em Jesus a quem chamo Senhor.

É tempo de ser esperança.

É tempo de comunicar.
É tempo de ser testemunha de Deus.
Neste mundo que não sabe amar. (2x)

Neste mundo que faz da matéria seu Deus e seu fim,
Quem tem fé, por favor, não se omita fingindo não ter;
Quem não tem, por favor, nunca deixe a matéria vencer.
Eu, porém, acredito que o Reino de Deus vive em mim.

Quando eu vejo que existe no mundo esta falta de paz
Os cristãos com vergonha de ser como Cristo pediu,
Tanta gente buscando a verdade em caminhos sem Deus,
Vou gritando com todas as forças de que sou capaz.

Finalizar este momento com a celebração da Santa Missa e, na sequência, o almoço.

Fontes de pesquisa: Bíblia sagrada, Site do Jubileu da Esperança, Bula do Jubileu, Site da Canção Nova – Homília diária, Livro Emaús – Frei Ildo Perdoni

PERÍODO DA TARDE

Para o início da tarde, um momento dinâmico com movimentos que promovam a interação das pessoas e a convivência fraterna.

(procurar trazer breves testemunhos de famílias e outros sobre seus jubileus)

Testemunho de casais, religiosos ou sacerdotes, alguma pessoa que possa falar sobre a beleza de celebrar a vida em cada circunstância.

Em seguida aos testemunhos, entrega-se um pedaço de papel para que cada participante possa escrever uma mensagem para a geração futura, sobre suas perspectivas de esperanças *(ex.: situações que gostaria que não acontecessem mais e também outras que gostaria que continuassem acontecendo)*.

Recolhe-se todos os “recados” e se prepara um recipiente que possa guardar bem fechado todos estes desejos repletos de esperança. Cria-se uma “cápsula do tempo”.

Após um intervalo, se promove a seguinte reflexão e atividade:

A árvore, símbolo da Esperança *(fonte: <http://www.periodistadigital.com/religion>)*

Vivemos afogados pelas más notícias. Emissoras de rádio e televisão, noticiários e reportagens descarregam sobre nós uma avalanche de notícias de ódios, guerras, fomes e violências, escândalos grandes e pequenos. Os “vendedores de sensacionalismo” não parecem encontrar outra coisa mais notável no nosso planeta.

A incrível velocidade com que se difundem as notícias deixa-nos aturdidos e desconcertados. Que pode fazer alguém ante tanto sofrimento? **Cada vez estamos melhor informados do mal que assola a humanidade inteira, e cada vez nos sentimos mais impotentes para afrontá-lo.**

A ciência quis-nos convencer de que os problemas se podem resolver com mais poder tecnológico, e lançou-nos a todos numa **gigantesca organização e racionalização da vida**. Mas este poder organizado não está em mãos das pessoas, mas nas estruturas. Converteu-se em “um poder invisível” que se situa mais para lá do alcance de cada indivíduo.

Então, a **tentação de inibirmos é grande**. Que posso eu fazer para

melhorar esta sociedade? Não são os dirigentes políticos e religiosos que têm de promover as mudanças de que se necessitam para avançar para uma convivência mais digna, mais humana e ditosa?

Não é assim. Há no evangelho uma chamada dirigida a todos, e que consiste em **semear pequenas sementes de uma nova humanidade**. Jesus não fala de coisas grandes.

O reino de Deus é algo muito humilde e modesto nas suas origens. Algo que pode passar tão despercebido como a semente mais pequena, mas que está chamada a crescer e frutificar de forma insuspeitada.

Quiçá **necessitemos aprender de novo a valorar as coisas pequenas e os pequenos gestos**. Não nos sentimos chamados a ser heróis nem mártires cada dia, mas a todos se convida a viver colocando um pouco de dignidade em cada canto do nosso pequeno mundo. Um gesto amistoso ao que vive desconcertado, um sorriso acolhedor a quem está só, um sinal de proximidade a quem começa a desesperar, um raio de pequena alegria num coração sobrecarregado... Não são coisas grandes. São pequenas sementes do reino de Deus que todos podemos semear numa sociedade complicada e triste, que esqueceu o encanto das coisas simples e boas.

E hoje somos convidados a fazer essa semente que virou árvore a ganhar vida, e, como num gesto de doação de cada um, somos convidados a colocar nossa “marca” nessa árvore da vida que a partir de hoje em nossa comunidade é símbolo de esperança. *(cada pessoa presente tinge a ponta de um dedo na tinta verde e coloca na árvore impressa formando uma bela folhagem viva e vibrante)*

Sugestão de gesto concreto

E, como gesto concreto de esperança, visto que muitos de nós não usufruiremos nem dos frutos nem da sombra, hoje plantamos uma muda de árvore que ficará para as futuras gerações terem como referência desse momento Jubilar que vivemos *(planta-se a muda de árvore em local previamente organizado)* e aos pés desta muda de árvore se enterra a “cápsula do tempo” que foi criada no outro momento já oportunizado, com a indicação de que seja aberta daqui a 25 anos. *(é importante que seja documentada essa ação na comunidade e assim fique explícito o compromisso e o desejo, bem como as indicações com os propósitos deste gesto, para os novos membros que ali forem chegando nos anos vindouros)*